

DasQuestões, n#6, setembro/dezembro, 2018

zEros: Land, Sellars e o Aceleracionismo.

Notas para uma política sellarsiana.

Por J.-P. Caron (IFCS-UFRJ; CEII- RJ; Seminal Records)

There is no real option between a cybernetics of theory or a theory of cybernetics

The death drive is not a desire for death, but rather a hydraulic tendency to the dissipation of intensities.

As duas citações não são de Sellars como o título deste poderia insinuar, mas são atinentes ao outro pólo do que pretendo abordar: o Aceleracionismo, aqui representado pela figura de Nick Land. Vale mencionar que *aceleracionismo* é mais uma constelação de pensamentos do que uma teoria unificada, incluindo diversos tipos de oposição em seu interior. Nick Land, membro fundador do CCRU- Cybernetic Culture Research Unit- na universidade de Warwick nos anos 90, juntamente com Sadie Plant, entre outros, produziu uma quantidade expressiva de artigos curtos durante seu período “acadêmico” como professor daquela instituição, após o qual teria abandonado a universidade no final da década de 90. O pensamento de Nick Land ganhou novamente proeminência com a publicação em 2011 pela Urbanomic de seus ensaios da época, reunidos sob o título *Fanged Noumena* e veio a ser o representante maior daquilo que se convencionou chamar, a partir de uma expressão cunhada por Benjamin Noys, em seu *The persistence of the negative*, por *aceleracionismo* - no caso de Land, *de direita* - aquele que vê no próprio comportamento imanente do capitalismo os meios para a desestratificação das formas sociais vigentes. Pouco depois, em 2013, foi publicado o MAP- *Manifesto for an Accelerationist Politics*, por Nick Srnicek e Alex Williams, que desenhava um programa político concorrente, mais atinado com uma certa esquerda populista, que unia tecnociências e um programa de políticas na tentativa de construir um encaminhamento na direção de um póscapitalismo. Após o manifesto, este programa foi melhor especificado no livro *Inventing the Future*, dos mesmos autores, que ali propunham uma combinação de automação e redução da semana de trabalho e Renda Mínima Universal.

As diferenças entre os programas de Srnicek e Williams e de Land (até onde Land possui um “programa” - mais sobre isto a seguir) são bem evidentes: todas as propostas de Srnicek e Williams exigem uma instância decisória- um agente com capacidade de decidir e implementar transformações em larga escala cujo melhor candidato é presentemente o próprio Estado. O *left-accell*, como ficou conhecido o aceleracionismo de esquerda, caracteriza-se por uma crítica às tendências localistas e horizontalistas internas à esquerda, por sua detectada incapacidade de produzir os resultados positivos desejados e sua ênfase em atos puramente negativos de resistência. A posição Landiana, ao contrário, manifesta-se em continuidade com um “aceleracionismo” anterior: a desestratificação construída por Deleuze e Guattari no programa da esquizoanálise do *Anti-Édipo*, que Land opõe à “cautela em desestratificar” que ambos os autores passam a advogar no volume seguinte de *Capitalismo e Esquizofrenia*, o *Mil Platôs*. Em Land tal agente de desestratificação não pode ser o Estado nacional, entidade molar por excelência, e seria um processo sem sujeito, no qual a própria agência do processo inteiro ganha tração em proporção direta à abdicação (ou impossibilidade) de agência por parte dos indivíduos empíricos a ele subditos. A hipótese é de uma assombrosa *assimetria cognitiva* entre a complexidade dos processos gerais do capitalismo e as capacidades decisórias das instituições- no sentido em que “pensar toma tempo, e o aceleracionismo sugere que o nosso tempo para pensá-lo está se esgotando, se não já o tivermos feito”¹. Mas mais do que isto: a diferença entre *sujeitos* do processo entre as propostas de Srnicek e Williams e a de Land implica numa diferença de *objetivos*: enquanto Srnicek e Williams entendem sua *práxis* como constituição de um encaminhamento na direção de um sistema de produção alternativo ao capitalismo vigente, Land entende o próprio capitalismo em sua versão mais *desregulada* como consistindo e fornecendo toda a agência necessária- a que fins?- à desestratificação ela própria.²

Nosso objetivo aqui não é, a despeito das aparências, colocar Srnicek e Williams contra Land, mas escavar um elemento que tem sido mobilizado por várias variantes de

¹ LAND, N. “A quick-and-dirty introduction to Accelerationism”.

<https://jacobitemag.com/2017/05/25/aquick-and-dirty-introduction-to-accelerationism/> , visitada em 09 de Agosto de 2018.

² A versão que circula sobre o aceleracionismo como uma filosofia que propala a intensificação do capitalismo com o fim de sua superação não é de fato sustentada por nenhum dos seus supostos emissários. Srnicek e Williams apresentam uma política estatizante de esquerda e Land propõe não o fim do capitalismo, mas a sua intensificação como fim- que geraria produtos imprevisíveis para a consciência do sujeito “humano” atual.

aceleracionismos de esquerda (alguns com oposições específicas e locais também ao programa do MAP), qual seja, o pensamento de Wilfrid Sellars. Num primeiro momento abordaremos resumidamente o que tomamos como sendo um modelo ontológico de Land com implicações para a agência política. Este modelo é uma versão *dark* do Spinozismo, onde a própria noção de agência se vê destituída em prol do sistema como um todo, no caso de Land, identificado com o Capital. Sellars na minha narrativa apresentaria uma extensão, ou corretivo, Kantiano ao Spinozismo *dark* de Land: uma distinção entre um espaço causalmente determinado e um espaço normativamente articulado- a diferença entre causas e razões, codificada no uso do vocabulário naturalista e no vocabulário normativo, respectivamente. Tal diferença apresenta como que dois quadros explicativos distintos- um no qual toda a agência de sujeitos empíricos é explicada como resultados dentro da cadeia de causas compreendidas de forma naturalista e determinista (e no caso de Land, colonizadas por um ultra-processo de intensificação do Capital ele próprio enquanto ontologia do real); e outro no qual existe uma forma distintiva do agir- o agir por *razões*- não logicamente redutível a causas. Mas Sellars não simplesmente apresenta o agir por *razões contra* o agir dentro de causas, mas implementa aquele no interior deste. A dificuldade aqui é evitar construir com isto um “império dentro de um império” (Spinoza) que atribua à agência dos sujeitos poderes extra- ou sobre-naturais, mas sim a de compatibilizar uma capacidade de intervenção política nos processos que seja não-voluntarista e que nem por isso abandone a própria efetividade causal (ou *causalidade efetiva*) das decisões. Isto sugere a idéia perseguida por este artigo de *hubs de roteamento*³ introduzidos no interior dos circuitos causalmente articulados do real- estes por sua vez resultados não-lineares de múltiplas linhas causais. A ideia não sendo fornecer uma análise fina destas múltiplas causalidades no plano político-econômico, o que demandaria um espaço muito maior, mas tornar plausível no plano filosófico a ideia de que um quantum de determinismo natural ou econômico seja compatível com a ação política- em suma, com a intervenção sobre o real exigida pela política aceleracionista de esquerda contra a submissão a um *fatum* determinado nos meandros de um Capital monolítico. Assim o programa Sellarsiano aparece como uma crítica ao Dado Landiano que permite uma reorientação relativa dos encaminhamentos dos processos do real, reativando a possibilidade de uma agência política que havia sido destituída por Land.

³ Termo inspirado pelo trabalho de Rodrigo Nunes. *Organisation of the organisationless*. Mute, 2014

Imanência hidráulica dos processos

As duas frases em epígrafe antes do artigo foram escolhidas por em conjunto tornarem evidentes alguns aspectos para nós importantes do aceleracionismo em sua matriz Landiana: a tendência quase “hidráulica” à desestratificação e a dobra entre teoria e prática que colocaria em cheque a autonomia da teoria ela própria, tornando-a numa parte do sistema desestratificante característico do real. Sobre a primeira nos dizem Mackay e Brassier:

Organização é supressão, Land causticamente insiste, contra aqueles que alinham a esquizoanálise com a inane celebração da autopoiese. Entendida como uma manifestação da pulsão de morte, a desestratificação não precisa mais ser encurralada pelos equilíbrios próprios aos sistemas nos quais ela se manifesta: *ainda não sabemos o que a morte pode fazer*. A tentativa para tornar a dinâmica funcional própria aos sistemas dissipativos proporcional às restrições da existência orgânica (sem falar naquelas dos *eus* e sociedades) é um paralogismo ilegítimo [segundo Land], de um ponto de vista estritamente materialista-transcendental. Land conclui que nada na estratoanálise proíbe a busca do desejo para além de um ponto incompatível com os imperativos da auto-manutenção: DNA, espécies, civilizações, galáxias: todos obstáculos temporários são coagulantes dispensáveis inibindo o desdobramento da morte. (...) Assim, uma conjunção crucial se cristaliza no trabalho de Land: a pulsão para desestratificar implica um ímpeto crescente na direção de maior aceleração e contínua intensificação.⁴

Na cibernética de Norbert Wiener entende-se um circuito de retroalimentação (ou *feedback*) negativo como aquele que tende ao equilíbrio homeostático- característico dos sistemas vivos em sua auto-manutenção como vivente. Contra a *prioridade ontológica de*

⁴ BRASSIER, R. & MACKAY, R. 2011, *In LAND, N.*, 2011.

sistemas homeostáticos, Land oferece o modelo do circuito de feedback positivo como processo primário- de produção do Real. Em cibernética, este modelo ocorre quando o sinal de saída é reinjetado na entrada do sistema, de forma similar à retroalimentação em um microfone, que provoca ruído. A hipótese Landiana mais fundamental é a de que o capitalismo se caracterizaria por um processo de retroalimentação de produção e consumo, incluindo no primeiro pólo a pesquisa científica, no qual a crescente intensificação levaria ao descarte da subjetividade e agência humana- o processo ocorreria por si próprio e seríamos como que marionetes deste.⁵

Para o aceleracionismo a lição crucial era esta: um circuito de feedback negativo- tal como um detector de um motor a vapor, ou um termostato, funciona para manter um estado do sistema no mesmo lugar. Seu produto, na linguagem formulada pelos cibernetas filosóficos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, é a *territorialização*. Feedback negativo estabiliza um processo, ao corrigir a deriva, e assim inibe a saída de um limite determinado. A dinâmica é colocada a serviço da fixidez- uma *stasis* ou estado de ordem superior. Todos os modelos de equilíbrio são assim. Para capturar a tendência contrária, caracterizada pela errância autointensificadora, fuga, ou saída, D&G criam o termo deslegante porém influente *desterritorialização*. (...). Em termos sócio-históricos, a linha de desterritorialização corresponde ao capitalismo *descompensado*. O esquema básico- e claro, a um grau altamente consequente, *actualmente operante*, é um circuito de feedback positivo, dentro do qual comercialização e

⁵ Uma abordagem diagramática interessante da aceleração landiana é fornecida por Uriel Fiori, em uma postagem no seu blog Antinomia Imediata. <https://antinomiamediata.wordpress.com/2017/04/12/thediagrams-of-acceleration/> Não podemos, no entanto, endossar as conclusões que o autor aponta a partir dos diagramas, uma vez que a composição das linhas que o constituem não permite ao nosso ver trata-las em bloco como o autor o faz. É inclusive propósito do presente artigo argumentar pela pluralização da composição das linhas que *possivelmente, mas não necessariamente* comutam para compor os diagramas de aceleração. Um estudo mais detido dos circuitos internos que comporiam, se efetivos, tais circuitos, exigiria um outro texto.

industrialização mutuamente excitam-se em um processo de escalada do qual a modernidade retira o seu gradiente.⁶

Ao mesmo tempo, a crescente intensificação e aceleração do processo não leva a uma maior e maior *complexidade*, mas sim a uma maior e maior identificação com o plano onde se plasman todas as identidades e sistemas. Enquanto no nível *empírico*, daquilo a que temos acesso na experiência caracterizar-se-ia nesta descrição por invenções tecnológicas e por uma artificialização mais e mais *insólita* e complexa, do ponto de vista *transcendental* - da condição de possibilidade deste processo - a intensificação que complexifica na empiria dirige-se aqui até a intensidade Zero: em Deleuze e Guattari, o próprio Corpo Sem Órgãos- manifestado na catatonia- em Land, Thanatos como motor e alvo. Isto não significa um simples desvanecer final de todas as identidades numa escatologia definitiva, embora por vezes Land parece apontar nessa direção, mas sim, o gesto, sempre *repetido e repetido a cada vez de forma mais próxima da intensidade zero*, da dissolução de todas as identidades molares, aqui vistas como resultado de um processo de *repressão*. Esta alçada transcendental da aceleração é o que torna o pensamento de Land indistinguível de uma *metafísica* na qual o próprio Real identifica-se com o Capital, por sua vez identificado com o campo transcendental entendido como *liso* quando em sua intensidade zero, que nunca é efetivamente atualizada, mas que é condição para a atualização de espaços que gradualmente tendem a ela- ou seja, espaços cada vez mais sem entraves para a constituição e reconstituição do próprio Real empírico.

O que era um campo transcendental para a operação dos acoplamentos do desejo em Deleuze e Guattari torna-se uma quase-teleologia escatológica em Land. O texto Landiano ele próprio é visto como participante deste processo de *feedback* (retroalimentação) positivo e não se trataria mais de *teorizar sobre* as condições de aceleração, mas de participar delas, ser uma peça acoplada no processo de (des)realização que caracteriza a ontologia do presente. A fórmula ontologia= cibernética poderia dar conta deste movimento, cuja agência Land retira de qualquer Sujeito para alocá-la no processo de acumulação do Capital.

⁶ LAND. N. *Idem*, 2017.

O Capital e a esquizofrenia nomeiam o mesmo processo de dessocialização visto do lado de dentro e de fora, em termos de onde ele vem (acumulação simulada) e para onde está indo (delírio impessoal). Para além da socialidade está uma esquizofrenia universal cuja evacuação da história aparece dentro da história como capitalismo.⁷

Mas uma tal filosofia, não mais teórica, porque não representa, não mais práxis, porque não possui agência, coloca a pergunta, melhor formulada por Mark Fisher: Se o capitalismo não esperou intensificação pela filosofia de Nick Land, o que ela está fazendo exatamente?

Se o apelo é pela eficácia hipersticional das coisas, bem, os textos de Nick possuem limitada eficácia hipersticional. Eles não realimentam o capitalismo, que não os requereu. O Capitalismo não pediu por intensificação hipersticional pelo trabalho de Nick Land. E está é uma objeção séria. Porque então, o que ele está fazendo?⁸

A observação de Fischer aponta para um catastrofismo inerente na posição Landiana na medida em que a “política” não seria mais, segundo ela, possível, tendo sido completamente superada e tornada obsoleta pelo movimento imanente do real propulsionado pelo capital.⁹ Crítica esta que foi retomada e elaborada por uma série de iniciativas alternativas ao aceleracionismo landiano, dentre os quais o MAP (Manifesto for an Accelerationist Politics)- o dito Left-Accelerationism; o Xenofeminismo e o dito Aceleracionismo Epistêmico ou Cognitivo. Tais iniciativas procuram pensar alternativas para a constituição de uma política renovada de esquerda no cenário que o aceleracionismo Landiano descrevia.

⁷ LAND, N. “Making it with death” In: *Fanged Noumena*. Urbanomic 2011.

⁸ <https://moskvax.wordpress.com/2010/09/30/accelerationism-questions-after-session-1-mark-fisher-andray-brassier/>, recuperado em 09 de Agosto de 2018.

⁹ Esta *anti-praxis* Landiana foi assumida e radicalizada na posição conhecida por *aceleracionismo incondicional*, pelas mãos de Vincent Garton, entre outros autores. Ver: <https://cyclonotrope.wordpress.com/2017/03/08/acceleration-without-conditions/>

Dentro de todas estas alternativas e comum a elas encontramos com frequência a referência a uma figura a princípio completamente alheia a esta tradição intelectual de que até ali se alimentou os aceleracionismos: o filósofo analítico Wilfrid Sellars. Pretendo no restante deste texto traçar algumas contribuições que o pensamento de Sellars trouxe a estas alternativas, e, ato contínuo, ao pensamento político atual. Esta apresentação tomará a forma de *hubs de roteamento* no interior da imagem extremamente determinística oferecida por Land para o encaminhamento do real sob o capitalismo vigente, *hubs* permitidos pela própria dinâmica de construção conceitual que ocorre no interior dos circuitos que Land acaba por descrever. A devida descrição destes processos deverá desinflacionar as ambições metafísicas do Landianismo, multiplicando as possibilidades descritivas sem recair no idealismo. Ao final, estas possibilidades descritivas devem ser mostradas como não apenas atinente ao pensamento sobre-o-real, mas como produtoras e participantes da composição complexa dos diagramas que supostamente o descrevem segundo o aceleracionismo. Isto significa assumir não um idealismo do real, mas um *realismo* da idealidade: conceitos (segundo nós, normas) possuem causalidade eficiente por meio das ações daqueles que são deles dotados.

A idéia de *hubs de roteamento* não comparece aqui por acaso. Em texto sobre o MAP¹⁰, a pensadora Patricia Reed fala sobre a inadequação do nome “Aceleracionismo” para o Left Accell, antecipando algumas críticas dos adeptos do aceleracionismo de direita e do aceleracionismo incondicional. No primeiro tópico do seu texto ela propõe a idéia de “Reorientar” ao invés de “Acelerar” como mote do pensamento a ser construído, na medida em que a hipótese aceleracionista se predica em uma intervenção refletida na ordem das coisas e não numa *Gelassenheit* Landiana- um *laissez faire* não mais campestre, nostálgico e meditativo, mas urbano, escatológico e delirante. Esta idéia de *hubs* por sua vez também é influenciada pelo trabalho do filósofo Rodrigo Nunes, no seu *Organisation of the organisationless*, onde apresenta um modelo interativo entre o localismo e o horizontalismo tão criticados pelo projeto de Srnicek e Williams, e uma intervenção infraestrutural que coligue estas dimensões locais em um projeto mais global.

A necessidade de intervenção refletida pode ser, ao meu ver, entendida em dois tópicos:

¹⁰ REED, P. 2014. “Seven prescriptions for Accelerationism” in MACKAY, R. (org.) *Accelerate: the accelerationist reader*. Urbanomic 2014

1. A ontologia Landiana é possivelmente falsa. Ela registra e, sobretudo, dramatiza como boa ficção científica elementos importantes da ontologia do presente sem que seja possível subscrever completamente às consequências que supõe serem efetivas. O Capital sozinho não trouxe a Singularidade. O que ele desterritorializa e reterritorializa em neoarcaísmos que mantém a figura do sujeito liberal intacta. Este tanto Deleuze e Guattari já haviam detectado.
2. Ademais, Land coloca o processo primário *contra* a elaboração conceitualracional, quando nos parece a princípio que a ordem técnica que ele propõe é predicada exatamente no exercício das faculdades que denigre. Se estas faculdades estão flutuando a serviço de uma ordem ontológica determinística oculta não me parece implausível procurar pensar intervenções de forma a reorientar (exatamente) os efeitos desta ordem que resulta ao menos em parte destas mesmas faculdades, tidas como causalmente ineficientes no discurso de Land ao mesmo tempo em que toda a sua ontologia está predicada nelas. Sellars oferece um modelo mais dialético no qual a Razão não aparece meramente como instrumento do processo primário, e, embora parte da ordem natural, tem a capacidade de voltar-se a seus próprios processos de constituição, construindo algo como um processo de retroalimentação positivo não apenas voltado para a reprodução multiplicativa do capital, mas para o desenvolvimento de suas próprias capacidades cognitivas. Estas serão chave ao final do artigo para a compreensão de um conceito de liberdade sintética, elaborada no *Inventing the Future* mas cuja gênese pode ser facilmente localizada em Sellars e, mais particularmente, seu discípulo Robert Brandom.

A passagem para outro modo de produção implicaria não em uma "aceleração" no sentido Landiano, mas em uma navegação conceitual mais sofisticada que separe, desambigue, selecione os elementos a serem acelerados- num Cavalgar o Tigre da modernidade, mas não no sentido de uma nostalgia de uma ordem primordial, mas de uma perpétua revisão das normas de ação.

Inferencialismo e a crítica ao Dado

Requisito de imanência mínima:

“A tarefa da lógica transcendental é a de explicar o conceito de uma mente que ganha conhecimento acerca do mundo do qual ela é uma parte.”¹¹

Ou seja, a tarefa da lógica transcendental é explicar um dobrar-se de uma parte da realidade sobre si mesma a fim de obter conhecimento conceitual sobre si e sobre o real. O requisito de imanência mínima tal como proposto evidencia uma continuidade ontológica entre a ordem natural e a ordem conceitual- ambos fazem parte da mobília do real- mas não uma transparência *epistêmica*. No dizer Sellarsiano, “as categorias da realidade não se imprimem na mente tal como um selo sobre cera”. Em outras palavras, não se pode depreender a estrutura da realidade da forma em que é “dada” ou da simples *participação* das entidades que somos nessa realidade ela própria. Isto não significa um endosso do idealismo metafísico, na medida em que *existe* uma realidade extra-linguística e extra-mental, apenas esta não é *transparente* à mente cognoscente sem uma série de mediações que vão constituir o que a tradição Sellarsiana compreende como o Espaço das Razões.

Esta relação da linguagem com um Fora é tematizada por Sellars por meio de três tipos de articulação: *transições de entrada para a linguagem* (tipicamente, sensações), *transições intralinguísticas* (inferências) e *transições de saída da linguagem* (paradigmaticamente, ações). Sensações não vêm conceitualizadas. Este é o cerne da crítica ao Mito do Dado. Elas são respostas diferenciais a estímulos. Neste sentido são uma forma de *contato* que ainda não é conceitual. Termostatos reagem diferencialmente a mudanças de temperatura no ambiente quando a temperatura cai, ele aciona, por exemplo, uma fornalha. Ele reage, mas não conceitualiza.

As *transições intralinguísticas* por sua vez são inferências. Quer dizer, são movimentos no interior da linguagem entre juízos compostos por conceitos cujo uso é regrado. Assim, segue-se de “Rio de Janeiro está ao norte de São Paulo” que “São Paulo está ao sul do Rio de Janeiro”.

¹¹ BRASSIER, 2016 <http://www.glass-bead.org/article/transcendental-logic-and-true-representings/>, recuperado em 09/08/2018

As *transições para fora da linguagem* são tipicamente ações. Isto é muito importante porque é explicitada aqui a dimensão explicativa das inferências para a compreensão não apenas da linguagem enquanto descrição, mas como *locus* mesmo da intencionalidade. O circuito completo pode ser descrito como: vê-se algo; este algo é “entendido” na medida em que seu conceito é composto pelas inferências possíveis de serem feitas com ele; age-se a partir de uma compreensão.

O inferencialismo é uma forma de descrição da constituição e articulação dos significados linguísticos que toma a *inferência* como prioritária na ordem de explicação. Esta posição foi desenvolvida por Robert Brandom a partir da abordagem normativista de Sellars sobre os significados, e *a fortiori*, sobre os comportamentos e sobre o conhecimento. Em um primeiro momento aquela formulação parece obscura, mas ficará mais clara se contrastarmos com uma ordem *representacionalista* de explicação. Pensemos na maneira em que o senso comum entende a relação palavra-objeto. Poderíamos sustentar que se trata de um tipo *especial* de relação, talvez uma relação dita *semântica*, na qual uma palavra está-para um objeto na realidade, e na qual combinações de palavras denotam combinações de objetos. De forma grosseiramente resumida (descartando as inúmeras variantes de representacionismo existentes) este é o cerne da explicação representacionista: o significado de nossas expressões linguísticas advém da propriedade de nossas palavras de representar objetos. E as possíveis *inferências* entre os conceitos da linguagem, por exemplo a inferência *se é gato, então é mamífero*, se funda no conteúdo representacional da palavra “gato” e “mamífero”, respectivamente.

O inferencialismo pretende inverter esta ordem de explicações. É porque “gato” e “mamífero” possuem certas relações de consequência e incompatibilidade com outros conceitos que estes desenhos linguísticos são capazes de representar o que representam. Isto significa também inverter a ordem de explicação entre *pragmática* (o estudo dos atos de fala) e *semântica* (o estudo dos significados). Os *atos* de fala, suas regras de concatenação enquanto *jogos de linguagem* são prioritários em relação ao que *significam*. Assim, as inferências que constituem o significado de um termo são primeiramente codificadas pela correção no uso de um termo: isto significa que o significado será explicado pelo uso, conforme a máxima de Wittgenstein. E este uso é endossado pela comunidade- ou seja, é o reforço comunitário e o uso intersubjetivo que dá sentido às expressões que usamos.

Sellars introduz aqui a analogia da linguagem com um jogo de xadrez. Neste, há movimentos internos ao jogo: de uma posição a outra; movimentos externos ao jogo mas que explicam como se fazem os movimentos do próprio jogo (eu esqueci o movimento do cavalo e pergunto ao meu oponente- a expressão da regra do movimento do cavalo não é um lance do próprio jogo, mas expressa como se faz um lance no jogo); a forma específica das peças, que indica seu “papel funcional” no jogo (tecnicamente é irrelevante a forma específica do peão, apenas que ela seja diferente, por exemplo, da do cavalo). Os movimentos internos ao jogo correspondem aos jogos de linguagem específicos que jogo: eu reconheço um gato e digo em seguida que é mamífero, pois esta conexão está estabelecida na linguagem. Os movimentos de explicação do movimento das peças correspondem a um *falar sobre falar* no qual explico as regras de uso de “gato” dizendo “devo tratar ‘gato’ como pertencente à categoria ‘mamífero’ e como incompatível com a categoria ‘réptil’”. A arbitrariedade dos desenhos indica a primazia do papel funcional sobre reconhecimento perceptivo. O reconhecimento perceptivo- transição de entrada na linguagem- é importante, mas o momento de conceitualização só advém quando a forma característica do peão adquire seus movimentos permissivos- é usada como um peão. Assim, a totalidade dos movimentos possíveis com o peão constitui o que é um peão, e não meramente sua forma sensível. Ao contrário, um conceito representa, porque por meio do padrão de seus movimentos possíveis *rastreia* algo do movimento da “peça” a ser representada na realidade. Os comprometimentos colaterais do conceito “ouro”, tais como “dissolvente em água régia” rastreiam uma relação até aqui encontrada na realidade: ouro dissolve em água régia. Mas tanto o significado “ouro” quanto o “água régia” são determinados pelos movimentos permitidos e proibidos que podem ser feitos com tais conceitos. À medida que se descobrem mais coisas sobre ouro, mais comprometimentos colaterais vêm somar-se ao conceito. Se algo sobre ouro é refutado, comprometimentos colaterais anteriores são revisados ou eliminados.

Aqui aparece o holismo semântico e epistêmico que é característico do inferencialismo Sellarsiano. Algo se qualifica como conhecimento se entra no espaço das razões conceitualmente articulado. Nas palavras do próprio Sellars: “O ponto essencial é que, ao caracterizar um episódio ou um estado como aquele de *saber*, não estamos dando uma descrição empírica de tal episódio ou estado; nós o estamos situando no espaço lógico das razões, do justificar e ser capaz de justificar o que se diz”¹² Neste sentido, ao ser

¹² SELLARS, W. 2003, p. 81

perguntado sobre a conexão entre “gato” e “mamífero” não estou descrevendo o objeto gato, mas justificando o posicionamento deste conceito na linguagem como conectado ao conceito mamífero. As totalidades locais relacionadas a tais conceitos constituem o conhecimento que se tem acerca dos objetos a que nomeiam. Só há *conhecimento na conexão dos conceitos e dos objetos*. Isto possui um elemento intuitivo na medida em que um conhecimento é algo que se sabe *sobre* alguma coisa. Este saber *sobre* implica em conectar a coisa a outras coisas e saber como reagem umas sobre as outras. O inferencialismo desenvolve esta intuição básica de forma sistemática. O espaço das razões é este espaço constituído pelo jogo da racionalidade- o de “dar e pedir por explicações”.

Há uma diferença entre causas e razões. O universo material inerte (ao menos segundo a ontologia do senso comum) seria regido por causas. Eventos causam outros eventos. Mas estes eventos não são responsáveis pelo que causam. Seres sapientes também causam coisas e são causados por coisas. A entrada no espaço das razões não implica a saída do espaço das causas. O espaço das razões é um espaço funcionalmente definido e não ontologicamente diverso do espaço das causas. Mas se conceitos podem ser definidos ontologicamente- porque estes possuem uma forma de existência enquanto funções no espaço das razões, eles são entidades *dependentes* deste espaço. Sem este espaço não há conceito. Sem conceito não há descrição. Sem descrição não há teoria. E é imanente, porque conceitos *emergem* de atividades nãoconceituais governadas por padrões, tornando-se atividades obedientes a normas quando entram no espaço das razões. São estes constrangimentos que constituem a mediação linguística pela qual descobrimos e expressamos o funcionamento do espaço das causas (universo material "inerte").¹³

Normatividade é condição necessária para a mobilização de conceitos. Isso quer dizer, quer se queira ou não, para *falar sobre algo* são seguidas propriedades de uso de expressões linguísticas. Normatividade, no sentido transcendental, no entanto, não é *normalidade*- no sentido de exigir uma forma “moral” de comportamento, preenchida, e sim a propriedade, ainda "vazia" de, o que quer que se mobilize conceitualmente, exigir regras para a sua mobilização (argumento fraco) ou ainda, o que quer que se mobilize

¹³ A diferença entre *comportamento governado por padrões* e *comportamento obediente a normas* é a diferença entre um comportamento que instancia um padrão, embora não esteja *consciente* do mesmo e um comportamento que obedece uma norma de correção- que é um caso do primeiro tipo de comportamento, mas no qual há a objetivação na norma por aquele que age de acordo com ela.

conceitualmente ser *constituído* pelas regras de mobilização (argumento forte). Transcendentalmente, normatividade não é normalidade, mas empiricamente se converte em uma normalidade pressuposta nas trocas linguisticamente mediadas do dia a dia (quando se vai à feira espera-se que se aja de modo determinado). Se normatividade se converte em normalidade empírica, ela não *precisa* reificar esta normalidade como a única regra possível. E, por meio de uma compreensão de seu funcionamento, é possível tanto descrever rupturas nesta normalidade quanto propô-las.

A vantagem propriamente semântica da ordem de explicação inferencialista pode ser expressa da seguinte maneira: enquanto na ordem representacionalista uma palavra “cola” num objeto, e em um sentido misterioso há essa conexão, sem outras conexões que manteriam a meta-estabilidade da mesma; na ordem inferencialista, chamamos um objeto por seu nome em virtude de uma regra de uso, e esta é expressa pelas conexões que o conceito tem com outros conceitos tal como sustentadas ao longo do tempo por uma comunidade linguística. Uma pergunta no entanto permanece: se um conceito tem seu significado em virtude de conexões com outros conceitos, ao descobirmos nova informação sobre um objeto, isto não acarretaria modificação no conceito do objeto, uma vez que novo comprometimento se somaria às regras previamente existentes de uso de seu conceito? Precisamente, e esta é mais uma vantagem da ordem inferencialista de explicação: revisabilidade conceitual, e *a fortiori* na ontologia de base que aceitamos, *sem recair* no idealismo, uma vez que a escolha ontológica não é feita por *fiat*, mas por uma negociação no espaço de distância entre “coisa” e “conceito”. Ou seja, *nós nunca sabemos tudo o que acarreta o uso de um conceito, apenas sabemos o suficiente para usá-lo de uma forma determinada até aqui. Navegar o espaço dos conceitos é perseguir as implicações do que se usa até lá onde elas possam se esconder.*

Para Brandom em *Reason in Philosophy*, onde desenvolve as idéias Sellarsianas, perseguir as implicações e revisá-las é uma atividade que constitui o sujeito. São as tarefas crítica, ampliativa e integrativa. Ampliativa porque ao endossar um juízo, endosso também as consequências (mesmo as que eu não conheço). Crítica porque devo reconhecer compatibilidades e incompatibilidades materiais entre os conceitos, eliminando juízos incompatíveis com os anteriormente tomados. Integrativa, porque novos juízos assumidos devem ser tornados compatíveis com juízos anteriores por revisão de seus componentes incompatíveis.

É importante ter em mente que tudo isso ocorre implicitamente. A mobilização dos conceitos já traz em si comprometimentos funcionais que os constitui, sem o que eles não serão ou continuarão a ser, no limite, os conceitos que eles são. Ao condicionar esse uso de conceitos em asserções teóricas, torna-se explícito o que estava somente implícito. o que era somente uma prática emergente de práticas não-conceituais de mapeamento e negociação com os ambientes torna-se objeto para a intervenção do conceito.

Para retomar o fio da meada do aceleracionismo contemporâneo, não é outra coisa o que Reza Negarestani propõe com seu conceito de Inhumanismo. Duas citações a este respeito:

Do ponto de vista racional, um compromisso é visto como uma cascata de caminhos ramificados que está em processo de expansão de suas fronteiras, desenvolvendo-se em uma paisagem em evolução, desatualizando suas perspectivas fixas, desfazendo qualquer forma de enraizamento associada a um compromisso fixo ou responsabilidades imutáveis. Revendo links e endereços entre seus antigos e novos compromissos e, finalmente, apagando qualquer imagem de si mesmo como "o que era para ser".

Colocar o significado de humano no sistema racional de compromissos é submeter a presumida estabilidade desse significado ao poder perturbador e transformador de uma paisagem que passa por mudanças abrangentes sob o impulso revisionista de seus destinos ramificados. Ao situar-se no sistema racional de compromissos, o humanismo se coloca como uma condição inicial para o que já retroativamente apresenta uma semelhança mínima, se é que existe alguma, com o que originalmente o colocou em movimento. Suficientemente elaborado, o humanismo - argumenta-se - é a condição inicial do Inhumanismo como uma força que viaja de volta do futuro para

alterar, se não descontinuar completamente, o comando de sua origem.¹⁴

As duas Imagens

Este vetor revisionista localizado no interior de nossas práticas linguísticas pragmaticamente articuladas e inferencialmente envolvidas teria constituído segundo Sellars “imagens” concorrentes do ser humano no mundo. O filósofo não encontra uma totalidade, mas visões conflitantes, maneiras de ver o mundo que são em algum sentido incompatíveis. Estas podem ser pensadas em última análise como atinentes a *duas* imagens enquanto coagulações de várias outras- a imagem do senso comum, a imagem de cada ciência particular, etc- que pretendem dar uma *explicação completa* do homem-no-mundo. Para Sellars, a imagem de algo é tão existente quanto aquilo de que é imagem, porém possui um estatuto ontológico *dependente* de seu Fora “real” porém não determinadas diretamente por ele, conforme a crítica ao Dado. As duas imagens são como duas *projeções* do ser-humano-no-mundo. Duas concepções coerentes.

A Imagem Manifesta é aquele quadro no qual o ser humano tornou-se consciente de si mesmo como humano-no-mundo. Ela compõe-se de objetos molares e pessoas e corresponde à imagem fenomenológica que o senso comum tem da realidade. Sellars a remete a uma espécie de ontologia Aristotélico-Strawsoniana de objetos no espaço e no tempo e pessoas que são entidades que tomam decisões e “agem por caráter”. Um elemento importante desta imagem é o pensamento conceitual: aquilo que denotamos quando nos referimos a atividades como criticar, endossar, refutar, analisar. Conforme elucidado na seção anterior, estas atividades são pensadas holisticamente por Sellars em dois sentidos: 1- pela conexão de cada conceito com os comprometimentos que o constituem. 2- pela regra de uso de conceitos que exige uma comunidade linguística que compartilhe normas. ‘Neste sentido um quadro conceitual diversificado é um todo que, ainda que incipiente, é

¹⁴ NEGARESTANI, R. 2014. “The Labour of the Inhuman”. In: MACKAY R. (org.) *op cit.*

anterior às suas partes e não pode ser construído como uma junção de partes que já sejam conceituais em seu caráter'¹⁵

Isto significa que, se um conceito é determinado por suas relações de incompatibilidade e inferência com outros conceitos, entender um conceito é localiza-lo nesta rede inferencial, ou seja, para entender um conceito precisa-se de outros conceitos colaterais àquele que se quer entender. Assim, a atividade conceitual não pode surgir a partir de *um* conceito, mas sim em bloco- não a linguagem inteira, mas ao menos uma região da linguagem que justifique se falar em *atividade conceitual* no sentido do Sellars, região esta que pode ir sendo ampliada pela formação de outros conceitos a partir de relações de implicação e inferência com os conceitos já presentes nela (conforme a tese das tarefas crítica, ampliativa e integrativa apontadas acima a partir da elaboração de Brandom).

A imagem manifesta não é simplesmente a imagem acrítica, ingênua, pré-científica do homem-no-mundo, e sim resultado de refinamentos do que pode ser chamado de uma imagem “originária”. Estes refinamentos podem ser de tipos a) empíricos ou b) categoriais. O primeiro tipo de refinamento diz respeito a correlações entre elementos observáveis, que, por meio de induções, permitem descrever as relações entre estes elementos num certo nível de observação. O segundo tipo consiste na organização destes elementos em categorias no mundo, de tal forma que é possível o refinamento e a troca categorial- uma categoria pode ser mais e mais dividida, ou um elemento tomado inicialmente como pertencente a categoria x, pode ser deslocado para categoria y.

Um terceiro refinamento, por sua vez, que é característico da imagem *científica* e estaria supostamente ausente da imagem manifesta (embora isto me pareça discutível) é aquele dito *postulacional*. Aquele que postula entidades não-observáveis com o intuito de explicar o comportamento de fenômenos observáveis. Aqui se coloca o choque entre as Imagens: por meio da ciência postulacional, a Imagem científica vai propondo uma

¹⁵ SELLARS, W. 2007, p. 374

ontologia segundo a qual a realidade é composta por partículas não molares que não correspondem aos objetos fenomenológicos da Imagem Manifesta. E de forma ainda mais importante, as contrapartes na Imagem Científica dos processos característicos de pessoa articulam-se numa dinâmica de causas, e sua natureza específica é deixada por Sellars a ser resolvida pela ciência futura. Assim, a natureza específica de episódios de pensamento, e de sensação não podem ser explicados no interior da Imagem Manifesta, e devem ser explicados eventualmente pela neurofisiologia.

Assim, a Imagem Científica vai surgindo e propondo uma realidade na qual o ser humano tal como até aqui se reconheceu não mais se reconhece. Não mais encontra os objetos molares de sua experiência ou indivíduos dotados de razão, e sim sistemas causais naturais dotados de entradas e saídas. No entanto, esta imagem contou, para a sua emergência, com os processos correlacionais e categorias da Imagem Manifesta. Assim, uma divisão de trabalho familiar em Sellars aparece: na ordem do conhecer, a Imagem Manifesta possui prioridade, porque nos deu os aportes para a escavação da Imagem Científica. Na ordem do Ser, a Imagem Científica é prioritária, porque vai constituindo quadros explicativos mais e mais adequados para os próprios processos que deram origem a ela na Imagem Manifesta. A Imagem Científica, apesar de apoiar-se metodologicamente na Imagem Manifesta, apresenta-se como uma imagem completa no sentido em que ela define “um quadro que poderia fornecer toda a verdade sobre aquele Eu que está no quadro. Desta maneira ela se apresenta como uma imagem rival.”¹⁶

A diferença entre entidades da IM e entidades da IC **aparece como uma descontinuidade irreduzível na imagem manifesta, mas como uma diferença redutível na imagem científica.** Isto significa que o vocabulário da imagem manifesta não é capaz de “fazer a ponte” entre o mundo dos animais não-conceituais e o mundo do humano, enquanto é ao menos esperado da imagem científica que ela seja capaz de

¹⁶ SELLARS, W. 2007, p. 388 ¹⁷
SELLARS, W. 2007, p. 406

explicar esta passagem, ainda que os conceitos que vieram a povoar a imagem manifesta sejam ausentes dela.

A antinomia não solucionada no interior do texto Sellarsiano, salvo com uma nota promissória. Se a imagem formada por conjuntos de partículas puder ainda ser mais refinada no interior da imagem científica por uma ciência futura, poderíamos reconstruir uma imagem nãoarticulada.

Ainda que, para muitos objetivos, o sistema nervoso central possa ser definido sem perda como um sistema complexo de partículas físicas, enquanto um entendimento adequado da relação entre consciência sensória e processos neurofisiológicos, devemos penetrar no fundamento não-‘particulado’ da imagem articulada, e reconhecer que nesta imagem não-articulada as qualidades dos sentidos são uma dimensão de processos naturais que ocorre somente em conexão com aqueles processos físicos complexos que, quando fragmentados (‘cut up’) em partículas pensadas como elementos que são os menores denominadores comuns de todos os processos físicos- presentes em processos orgânicos e inorgânicos- tornam-se o complexo sistema de partículas que, na imagem científica, é o sistema nervoso central.¹⁷

Esta imagem não-‘articulada’ para Sellars resulta de um entendimento das partículas elementares não somente como fundamento teórico da imagem científica, mas como singularidades espaço-temporais cuja interação dá origem aos processos físicos. Ele parece defender então, apesar da realidade última das partículas sobre as quais não faria sentido dizer que são homogêneas ou coloridas, uma idéia suplementar na qual tais partículas formariam por sua interação campos não articulados. Isto é diverso da ‘aparência’ de objeto da imagem manifesta por se dar no interior da própria imagem científica- como se uma descoberta futura sobre a forma de relação entre as partículas que formam o nível mais basal desta poderia finalmente fazer a conversão para as realidades contínuas e homogêneas de objetos experienciados na imagem manifesta. Está além do meu objetivo aqui desenvolver este ponto, mas este problema Sellars procurará solucionar com uma ontologia de processos em seus últimos escritos.

Aplicações Sellarsianas ao Aceleracionismo

Segundo Johanna Seibt, “normatividade é uma questão de arquitetura dinâmica”. A distância que a gramática de normas permite sustentar com relação ao espaço compulsório das causas *sem que ela perca tração causal ela própria- uma norma é uma causa para uma ação em um ambiente multilinear-* permite o dinamismo da constituição das imagens. Este dinamismo responde não somente às hesitações do nosso espaço normativo- as transformações de práticas- mas também ao que está sendo descrito. “No interior da ontologia de processos diferenças em escopo descritivo podem gerar a irreduzibilidade lógica de um tipo de processo (modo de ocorrência) a outro tipo de processo.”¹⁷

Importante notar que o próprio diagrama de aceleração aqui não é mais um componente ontológico do real, após a crítica ao Dado, embora ele possa ser reconhecido como um componente localmente presente. Na medida em que ele é tomado como objeto e a pesquisa gere resultados reais, *é possível* a desnaturação do ciclo de produção e consumo *ela própria* (considerando aqui a manutenção perpétua deste ciclo segundo hipótese Landiana, e excetuando-se a hipótese Marxiana da redução tendencial da taxa de lucro, que por si só, no interior do espaço das causas poderia exigir a passagem a um pós-capitalismo.) Além do que, nada foi falado da composição internas das linhas do diagrama de aceleração- que vetores o compõem, que elementos podem ser acelerados e que elementos podem ser suprimidos.

Algumas consequências a serem apontadas:

1. A reorientação preconizada pelos Aceleracionistas de Esquerda não é necessariamente uma *desaceleração*, mas participa dos circuitos acelerativos o momento de *produção de normas*. De tal forma que a *composição das linhas* do diagrama acelerativo Landiano precisaria ser pluralizada, podendo inclusive encontrarem-se linhas contraditórias. De fato estas linhas podem ser recolonizadas pelo aparato Landiano como competição no mercado das idéias, mas não me parece aqui necessário combater a idéia de mercado em si, apenas tornar plausível- defender a *possibilidade* de reorientação no interior da dinâmica

¹⁷ SEIBT, J., 2015.

acelerativa do próprio Capital que permita experimentações produtivas para além do próprio capitalismo. Em outras palavras, a hipótese de *reaproveitamento* dos resultados técnicos do capitalismo para a sua eventual superação tal como o *left accell* assume não deveria ser tão polêmica no interior do campo da esquerda.

2. A influencia das “imagens” produzidas no espaço das razões sobre o espaço das causas dá então no comportamento dos agentes que adotam e vivem no interior das projeções. Esta reativação de um imaginário político explicitamente articulado e que seja *material* para a pesquisa filosófica e política é predicada na crítica ao Dado, na medida em que o bloqueio da *transparência direta* do real (de forma perversa mantida por Land como, ao contrário, uma completa opacidade, mas a cujo comportamento em algum sentido teríamos acesso) para a cognição abre um espaço de elaboração crítica do que até então se apresentava como o próprio real. Este espaço configura a influência da invenção política imaginária sobre o real-convertível em intervenções tecnológicas.
3. Inversamente, os conceitos que são adotados e que constroem o real-tal-como-vistolocalmente por um grupo funcionam como *abstrações reais* (Marx) e se reinserem como causas do comportamento socialmente determinado. A saída da abstração é aqui bloqueada, mas a reorientação das mesmas, uma exigência. Um programa de pesquisa política se insinua aqui no exame do circuito entre a produção de normas e a *reprodução* de comportamentos causalmente determinados pelos circuitos econômicos do capitalismo. O mesmo raciocínio de pluralização e seleção acelerativa seria *ao menos de direito* aplicável aqui.
4. *Normas* produzidas são novas causas para a ação. O comportamento resultante da ontologia do real deveria levar em consideração a causalidade não-linear compósita de tais comportamentos. É plausível pensar que a aceleração da produção de normas tenha uma influência sobre o circuito, dentro dos limites críticos a serem investigados segundo o tópico 3.
5. Um conceito de *liberdade* compatível com a determinação (e não o determinismo) material é aqui esboçado. Segundo Robert Brandom, a liberdade está relacionada com um dobrar-se voluntário por regras (a nossa “produção de normas”). Quando assumo um juízo assumo suas consequências. Liberdade é dar para si a regra que se segue e não agir sem regras (Kant). Exemplo instrutivo: chego à maioridade. Sou imputável, mas posso também assinar contratos. Tenho um ganho de

liberdade que vem com uma cada vez maior rede de constrangimentos. A *liberdade-para* é constituída imanentemente pela rede de constrangimentos que ela implica. Portanto liberdade implica, sim, alguma escolha, mas não em chave voluntarista e isso não por motivos morais ou repressivos, mas porque a sua liberdade se constitui no interior de contextos limitados de movimento. Ela é constituída por estes contextos. A *bottom line* aqui é que uma folha em branco não faz nada. Ela não é livre. Só se é livre quando já se fez um lance no jogo de linguagem, que traz consequências, oportunidades de se exercer liberdade que é o movimento no interior da rede conceitual-normativa.

6. De forma análoga ao acréscimo de graus de liberdade-para que se ganha ao se assinar um contrato, a adoção de normas racionais que permitem leituras mais complexas da realidade permite uma liberdade cognitiva, em igual medida em que um ecossistema de medidas econômico-políticas poderia resultar em maior grau de liberdade-para (liberdade positiva). Diferente da ênfase liberal na *liberdade-de* (“liberdade da servidão”, liberdade negativa) que insiste na pura e simples não-intervenção; o conceito de liberdade sintética desenvolvido pelo left-accel e intimamente relacionado à liberdade em chave inferencialista permite pensar que ecossistema de medidas amplifica a nossa liberdade, no sentido de nossa potência para agir.

7. Contra a hegemonia gerencialista proposta pelo *Inventing the Future*, tais idéias são também compatíveis com outras formas organizacionais que não o Estado como única resposta ao problema da infraestrutura.¹⁸

A razão aqui, diferentemente de no caso de Land, não aparece como um conjunto de defesas contra os processos irruptivos primários tal como Land vê a empresa Kantiana, mas sim como um espaço funcional logicamente irreduzível porém ontologicamente redutível a processos naturais. Isto quer dizer, o espaço das razões aparece como descontínuo com relação à ordem natural no interior da Imagem Manifesta, mas como

¹⁸ Recomendo a leitura da excelente e recente crítica feita por Kevin Carson ao livro: <https://c4ss.org/content/50849>

reduzível na Imagem científica. Isto está plenamente de acordo com o ideal filosófico da visão sinóptica propalado por Sellars no sentido de sustentar uma forma de perspectivismo no qual diferentes imagens do humano-nomundo convivem no interior de um monismo ontológico processual-natural. Neste sentido as irrupções de um inconsciente entendido como processo primário não aparecem em oposição frontal a uma razão encastelada em sua ontologia de objetos molares, mas sim como forma de descrição da processualidade da qual a razão ela própria é uma objetivação- mas uma que seja capaz de, tentativamente, dobrar-se sobre suas condições de engendramento com os recursos descritivos de que dispõe num dado momento histórico no interior de uma imagem. Isto não é asserir uma capacidade toda-poderosa de conceitualização pela razão, mas é um reconhecimento de sua capacidade momentaneamente limitada e processualmente revisável de rastreamento da realidade – no nível mais fundamental identificada ao zero sellarsiano- captado pela pura linguagem verbal-adverbial de sua ontologia de processos.

Referências bibliográficas

BRANDOM. R. *Reason in Philosophy. Animating Ideas*. Harvard University Press, 2009.

BRASSIER. R. “Transcendental Logic and True Representings” *In*: <http://www.glassbead.org/article/transcendental-logic-and-true-representings/> recuperado em 09/08/2018

CARSON, K. “Review: Srnicek and Williams, *Inventing the Future*”. <https://c4ss.org/content/50849> , recuperado em 09/08/2018

FIORI, U. “The Diagrams of Acceleration”. *In*: <https://antinomiaimediata.wordpress.com/2017/04/12/the-diagrams-of-acceleration/> , recuperado em 09/08/2018.

LAND, N. *Fanged Noumena. Collected writings 1987-2007*. Urbanomic, 2011.

_____”A quick-and-dirty introduction to accelerationism” *In*: <https://jacobitemag.com/2017/05/25/a-quick-and-dirty-introduction-to-accelerationism/> , recuperado em 09/08/2018

NEGARESTANI, R. "The Labour of the Inhuman". In: Mackay, I. (org.) *Accelerate!: the accelerationist reader*. London, Urbanomic, 2014.

NUNES, R. *The organisation of the organisationless: collective action after networks*. Mute, 2014

REED, P. "Seven prescriptions for accelerationism". In: Mackay, I. (org.) *Accelerate!: the accelerationist reader*. London, Urbanomic, 2014.

SEIBT, J. "How to naturalize consciousness and intentionality within a process monism with a normativity gradient. A Reading of Sellars." In: O'SHEA, J. org. *Sellars and his Legacy*. Oxford University Press, 2015.

SELLARS, W. *In the Space of reasons. Selected essays of Wilfrid Sellars*. Harvard University Press, 2007.

SRNICEK, N. & WILLIAMS, A. *Inventing the Future*. Verso, 2015.

_____ "Manifesto for an Accelerationist Politics". In. *Accelerate!: the accelerationist reader*. Urbanomic, 2014.